



FERNANDO FREITAS

A encenação da obra de Wagner no Rio de Janeiro: música competente embalando uma nau de efeitos cênicos insensatos

## Opera

# Confusão a bordo

*Um grande tumulto psicodélico faz naufragar no municipal a montagem carioca de O Navio Fantasma*

A presença do presidente português Mário Soares e do governador fluminense Moreira Franco transformou a estréia de *O Navio Fantasma*, na quinta-feira passada, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, num evento em que se misturaram frequentadores de colunas sociais, políticos e até aficionados de ópera. Mesmo com tal heterogeneidade, o público explicitou o seu veredito sobre a encenação da ópera de Richard Wagner, na versão do diretor Gerald Thomas: aplausos para o regente, o coro e os cantores e um alarido confuso, mescla de ovação e apupos, para o encenador. Razoável presumir que os colunáveis tenham aplaudido Gerald Thomas e que os que gostam de canto lírico tenham se dirigido aos cantores. Isso é indício de que *O Navio Fantasma*, que fica em cartaz no municipal do Rio até

domingo, não pode ser criticado como um espetáculo monótono ou rotineiro. Ele pode, isso sim, ser considerado um hino à confusão, uma nau dos insensatos vagando à deriva.

A produção, que inaugura a temporada lírica de 1987 do municipal carioca, deve ser apreciada sob dois ângulos, o musical e o cênico. O primeiro é competente, enquanto o segundo é inteiramente psicodélico. Na obra de Richard Wagner há dois pontos de transição, *O Navio Fantasma* e *O Ouro do Reno*, sendo este último o salto genial que revolucionou o gênero lírico. Já *O Navio Fantasma* nada tem de revolucionário, a não ser em relação às óperas anteriores do compositor, praticamente arquivadas no repertório internacional. Nela, a música segue o padrão da música romântica alemã, na tradição de Carl Maria von

Weber — sem vãos excepcionais, mas com muita fluência melódica e riqueza orquestral.

**TRAMA OBSCURECIDA** — Além do mais, os dois personagens centrais da ópera são muito bem caracterizados. O Holandês — uma versão alternativa do Judeu Errante — é condenado a comandar o seu navio até que encontre uma mulher que lhe seja fiel até a morte. Senta, a personalidade mais rica do drama, é a jovem obcecada pela idéia de redimir o Holandês, passando da premonição à ação. Um bom diretor de cena pode realçar os conflitos psicológicos da ópera, transformando-a num espetáculo de imenso impacto dramático. Gerald Thomas, no entanto, buscou o impacto pelo impacto, colocando em cena uma série de elementos incongruentes (uma roda de bicicleta como a feita por Marcel Duchamp, de Rodin, uma chaminé de navio que parece um batom, o Muro de Berlim com uma guarita) que, ao invés de realçar, embaralham e obscurecem os conflitos da trama.

É pena, pois no terreno musical a encenação carioca está bem calçada. Como de hábito, o municipal está apresentando

a ópera com dois regentes (o americano Eugene Kohn e o brasileiro Isaac Karabtschewsky) e dois elencos. Os maestros são reconhecidamente talentosos e competentes, extraído a melhor sonoridade possível da orquestra do teatro e de suas trompas traiçoeiras. O coro, sob a direção de Manuel Cellario, encontra-se em forma excepcional. O primeiro elenco reúne nos principais papéis cantores de alto nível profissional: Carmo Barbosa (como o Holandês), Sabine Nass (Senta), Vladimir de Kanel (Daland) e Walter Donati (Erik). No segundo elenco há um estupendo Daland (Boris Bakow), uma Senta de voz descomunal mas com sérios problemas de afinação (Elizabeth Payer-Tucci), um Holandês experimentado mas com dificuldades no registro grave (Joshua Hecht) e um Erik apenas correto (Edward Sooter).

Registre-se, ainda, que Walter Donati, o Erik do primeiro elenco, entra em cena com a perna engessada, apoiado numa bengala. Trata-se do resultado de um acidente e não de uma decisão planejada do diretor de cena, Gerald Thomas. O problema é que, se fosse uma decisão planejada, o gesso não faria muita diferença, pois a direção de Gerald Thomas é chocante e mais heterodoxa que a política econômica brasileira. Que a lenda do navio fantasma se presta à imaginação dos diretores é questão passada em julgado. Pode-se até afirmar que uma apresenta-



Hecht, o Holandês: dificuldades



Elizabeth, como Senta: sem afinação

dois limites: a ação cênica deve ser consistente com o texto, os ambientes e movimentos dos personagens devem afinar-se com a música. O erro de Gerald Thomas foi esquecer que a originalidade é consequência e não causa da genialidade. Não resta dúvida de que a sua produção de *O Navio Fantasma* é original. Mas também seria original apresentar o *Lohengrin* num mictório público ou descrever o *Tristão e Isolda* como lua-de-mel com um badejo. Originalidades desse tipo são muito fáceis de conceber: é a imaginação a serviço da falta de inspiração. O resultado não é arte, mas besteiro.

Gerald Thomas nada tem de agressivo ao transportar *O Navio Fantasma* para a Alemanha em 1987, pois a lenda do Holandês Voador é atemporal. Mas começa embrulhando os espectadores ao transferir o primeiro ato de uma praia da Noruega para a Documenta, um salão de artes contemporâneas em Kassel, na Alemanha. Daland, então, sai de um vagão ferroviário e tanto ele como os seus marinheiros ficam falando de velas enfiadas pelos ventos. No terceiro ato, Gerald Thomas faz com que a ação se passe entre os dois lados do Muro de Berlim enquanto os personagens e o coro cantam a respeito de navios, atracações e desatracações. Como o que acontece em cena na montagem do municipal é incompreensível, Gerald Thomas ainda tentou explicar suas idéias num alentado artigo inserido no programa da ópera, que, se tivesse sido publicado há alguns séculos,

**BESTEIRO.** — O nó da questão é como dar asas à imaginação sem cair no ridículo. Um caminho bastante explorado é situar o drama na perspectiva de uma Senta esquizofrênica. Outro, trabalhado pelo encenador francês Jean-Pierre Ponnelle, consiste em narrar a história como um pesadelo do Timoneiro ou de Erik. Vale avançar ainda mais nas inovações, desde que se respeitem

tem de agressivo ao transportar *O Navio Fantasma* para a Alemanha em 1987, pois a lenda do Holandês Voador é atemporal. Mas começa embrulhando os espectadores ao transferir o primeiro ato de uma praia da Noruega para a Documenta, um salão de artes contemporâneas em Kassel, na Alemanha. Daland, então, sai de um vagão ferroviário e tanto ele como os seus marinheiros ficam falando de velas enfiadas pelos ventos. No terceiro ato, Gerald Thomas faz com que a ação se passe entre os dois lados do Muro de Berlim enquanto os personagens e o coro cantam a respeito de navios, atracações e desatracações. Como o que acontece em cena na montagem do municipal é incompreensível, Gerald Thomas ainda tentou explicar suas idéias num alentado artigo inserido no programa da ópera, que, se tivesse sido publicado há alguns séculos,



Elementos incongruentes: chaminé-batom, *O Pensador*, de Rodin, guarita do Muro de Berlim e roda de bicicleta de Duchamp

teria sido comentado por Erasmo de Roterdã em seu *Elogio da Loucura*. Sua encenação é realmente confusa, mas não tanto como seu artigo.

**SURREALISMO** — Preocupado em lustrar as suas excêntricas, o diretor deixa que passem em branco os momentos culminantes do drama, como o encontro entre Senta e o Holandês no final do segundo ato, quando a heróina passa da premonição à ação. Qualquer bom diretor de cena, vanguardista ou não, sabe que nesse ponto Senta muda sua obsessão pelo Holandês do retrato para o verdadeiro Holandês. A música pouco sublinha nesse momento, pois o Wagner de *Tristão e Isolda* e do *Parsifal*. Há apenas uma pausa, que obriga o diretor de cena a jogar com o triângulo Senta-Retrato-Holandês. Gerald Thomas não percebeu o que fazer a

## Nos bastidores a ópera vira comédia

A montagem carioca de *O Navio Fantasma* é a primeira de que se tem notícia em que as prima-donas — as estrelas do elenco — se encontram nos bastidores e não no palco. Por isso mesmo, até que a embarcação de Gerald Thomas se fizesse ao largo, sua tripulação protagonizou cenas mais adequadas a uma comédia do que a uma imponente ópera alemã. A primeira delas aconteceu ainda no início do ano e teve como personagens Fernando Bicudo, o diretor de ópera do teatro municipal — conhecido pelo igual empenho com que se dedica ao trabalho e à promoção de

tregar os cenários a uma firma particular é que Bicudo adiou a estréia", acusa Tatiana. "Ela já havia me avisado de que não estava disposta a botar azeitona na empada do Moreira Franco", responde Bicudo, referindo-se ao fato de que a ópera estrearia depois da posse do novo governador. *O Navio Fantasma* foi o canto do cisne da cultura gerada pelo socialismo moreno do ex-governador Leonel Brizola. Um cisne que nadou em todas as direções: começou levando Clementina de Jesus ao municipal e terminou com Wagner.

**HUMOR AZEDO** — O maestro americano Eugene Kohn não poupou ninguém de seus comentários. Primeiro, queixou-se do ritmo de trabalho do diretor Gerald Thomas. "Vou lhe dar de presente um relógio de humor azedo,



Gerald Thomas: choque heterodoxo

essa altura, a não ser trazer à cena algumas figuras surrealistas que nada dizem ao espectador. Inclusive porque o retrato está meio escondido e porque qualquer semelhança entre a figura pintada — coberta por uma máscara contra gases — e o Holandês é mera coincidência.

Para complicar o espetáculo, Fernando Bicudo, diretor da temporada lírica do municipal, introduziu uma inovação: a montagem em português, projetada na tela superior do palco, à semelhança do que se faz na New York City Opera. Em tese, a inovação é digna das maiores inovações, pois para apreciar uma ópera é indispensável saber o que diz cada personagem. Só que no caso de *O Navio Fantasma* carioca as legendas contribuíram para deixar explícito que o que se passa na tumultuada nau de Gerald Thomas não tem absolutamente nada a ver com o que se diz na ópera de Wagner.

MÁRIO HENRIQUE SIMONSEN



Tatiana: "Bicudo só sabe promover porcarías"



Bicudo: "Tatiana é bruxa"

sua imagem de dândi —, e Tatiana Memória, ex-diretora da central técnica de Inhaúma, núcleo de produção destinado a suprir de cenários e figurinos os teatros estaduais do Rio.

No mais acalorado round de uma briga que dura há três anos, a dupla desfez um entusiasmado repertório de desaforos. "Tatiana é uma bruxa", diz Bicudo. "Ele só tem competência para transformar porcarías em sucessos", ela responde. O pivô da briga foi a recusa de Tatiana em fazer os cenários para *O Navio Fantasma*. Ela alega que havia dado a Bicudo prazo até final de novembro para que ele lhe entregasse o projeto de cenografia. Successivos adiamentos teriam impedido essa data até 12 de fevereiro, depois do que ela alegou não ter mais condições de entregar os cenários a tempo para a estréia, marcada para 16 de março. "Só depois de en-

me", disparou. Perguntado sobre a qualidade da orquestra do municipal, disse: "Os músicos tocam com muita paixão... considerando-se que o salário deles é tão baixo".

Por fim, insatisfeito com o pódio em que deveria subir para reger, encenou um gesto teatral. Saiu às ruas, comprou pregos e lâmpadas e reformou o pódio com as próprias mãos. Durante o ensaio geral, foi a vez de os cantores estrangeiros fazerem comédia ao se perguntar suas opiniões sobre a montagem ousada de Gerald Thomas. "Ele é criativo", limitou-se a dizer a soprano Elizabeth Tucci. Já Sabine Hass, conhecida pelo humor azedo, desferiu: "Já cantei essa ópera 300 vezes e para mim não faz qualquer diferença se a concepção é tradicional ou nova. Dá na mesma". Bateu a porta do camarim e mais não declarou.